QG DA POLÍCIA MILITAR

JARDIM DE INFÂNCIA 21 DE ABRIL

HOTEL NACIONAL

CONJUNTO NACIONAL

NAURO ESTEVES
O ARQUITETO QUE A CIDADE ESQUECEU

TESE DE MESTRADO RETIRA DO ANONIMATO O HOMEM QUE MAIS PARTICIPOU DOS PROJETOS DA NOVA CAPITAL, DEPOIS DE NIEMEYER

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

O homem de corpo frágil, olhos graúdos e sorriso retraído que todas as manhãs toma banho de sol embaixo de um dos blocos da SQS 308 traz escondidos na velhice silenciosa e anônima feitos únicos na história de Brasília. Pode-se dizer que ele foi o arquiteto mais importante da cidade depois de Oscar Niemeyer e o urbanista mais decisivo depois de Lucio Costa, mas ainda é pouco. O filho de João de Castro Fernandes Esteves e de dona Helena de Araújo Esteves é um dos arquitetos com mais obras construídas na nova capital, depois da estrela número um do modernismo brasileiro.

Saiu da mão esquerda de Nauro Esteves quase uma centena de construções dos primeiros treze anos de Brasília. É dele o traço que definiu a superfície do Lago Paranoá, foi ele quem urbanizou as primeiras superquadras. O arquiteto que Brasília esqueceu desenhou, entre outros, o Hotel Nacional, o Conjunto Nacional, o Palácio do Buriti, o Gilberto Salomão, o Superior Tribunal Militar, o Superior Tribunal Eleitoral.

O injustificável esquecimento poderia se estender por mais algumas décadas não fosse a investigação acadêmica de uma aluna do mestrado de Arquitetura da Universidade de Brasília. No mês passado, Cristiana Mendes Garcia, 36 anos, brasiliense de nascimento, defendeu a dissertação *Construindo Brasília: A trajetória profissional de Nauro Esteves*. São 124 páginas que redimem a cidade de uma injustiça que se prolonga desde que, em 1971, o arquiteto foi exonerado do serviço público por defender o projeto de Oscar Niemeyer para o Aeroporto de Brasília. Nem mesmo sua readmissão em 1992 retirou Esteves do exílio histórico a que foi inexplicavelmente condenado.

O caminho que o trará de volta ao lugar que, por merecimento, lhe pertence começou a ser rabiscado quando Cristiana escolheu o objeto de trabalho de mestrado, com a ajuda da professora Sylvia Ficher, que também ficara intrigada com a adormecida memória histórica da cidade. De pronto, descobriram que não havia nenhuma bibliografia sobre Nauro Esteves, exceto seu depoimento ao Programa de História Oral do Arquivo Público.

Parte dessa omissão histórica deve-se ao próprio Nauro Esteves, um carioca nascido na préhistória da era do marketing pessoal, de pouca ou nenhuma veleidade, que não guarda nenhuma foto sua da época. "Meu negócio era trabalhar", disse ele, em uma das três entrevistas concedidas à mestranda. No depoimento ao Arquivo Público, Esteves dá uma idéia de suas funções durante a construção da nova capital: "Olha, de 1956 a 1968-69, quando eu deixei a Novacap, nada nessa cidade que se referisse a urbanismo ou arquitetura deixou de passar pela minha mão. Tudo, tudo. Porque eu fui o coordenador de arquitetura e urbanismo... Sempre, desde o primeiro dia até eu sair. Os projetos eram sempre aprovados por mim. Os da iniciativa privada e os do governo, todos passaram pela minha mão".

Do barraco de madeira montado onde hoje é o Ministério da Justiça, Nauro Esteves avaliou e aprovou projetos arquitetônicos para a nova cidade, estabeleceu normas de construção, definiu a numeração das quadras, defendeu os princípios do projeto do Plano Piloto de Lucio Costa, criou seus próprios projetos e foi para as superquadras poeirentas riscar os arruamentos e o ajardinamento. "Se eu precisava falar com ele, tinha de ir às superquadras, desde as seis da manhã ele já estava lá", conta Maria de Lourdes Junqueira Esteves, mulher dele há 40 anos.

Muitas vezes o presidente da Novacap precisava falar com Esteves, mas ninguém conseguia encontrá-lo. O jeito era dizer ao chefão que ele estava numa superquadra. "Lá estava ele, agachado junto com os peões, marcando metro a metro com a linha as curvas dentro das próprias superquadras, marcando as calçadas, marcando os estacionamentos, para ficarem de acordo com o que ele queria na planta", contou Luiz Henrique Freire Duarte, à época desenhista da Novacap, em depoimento incluso na dissertação.

Fosse alguém esboçar um retrato de Nauro Esteves, dever-se-ia, então, providenciar uma feição executiva, um rosto de alguém pronto para o trabalho, alguém que não delega nem espera, faz. Já era muito, mas foi mais do que isso. O arquiteto cuidou para que a cidade fosse construída tal e qual o projeto de Lucio Costa. É o que constata Cristiana Garcia: "Ele enfrentou pressões por parte de empresas construtoras, de empreendedores imobiliários, de autoridades, com a consciência profissional que foi sua marca. Também fiscalizou para que nada fosse feito em desacordo com a interpretação do plano da cidade".

Desde as medalhas da Aeronáutica, do Exército e da Marinha concedidas ao término da construção e a homenagem do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 1996, ninguém nunca mais dele se lembrou.

"NAURO ESTEVES DIRIGIU O ESCRITÓRIO DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA. É MUITO COMPETENTE, MUITO TRABALHADOR, PESSOA QUE EU ESTIMO".
OSCAR NIEMEYER

"A GENTE DIZ ASSIM: FOI FEITO POR FULANO, FOI FEITO POR SICRANO, MAS ATRÁS DELES TINHA QUEM? O NAURO. HAVIA A EQUIPE DELE, MAS ELE ERA A CABEÇA".
MIRTES REPUBLICANO, arquiteta da Divisão de Arquitetura da Novacap à época da construção

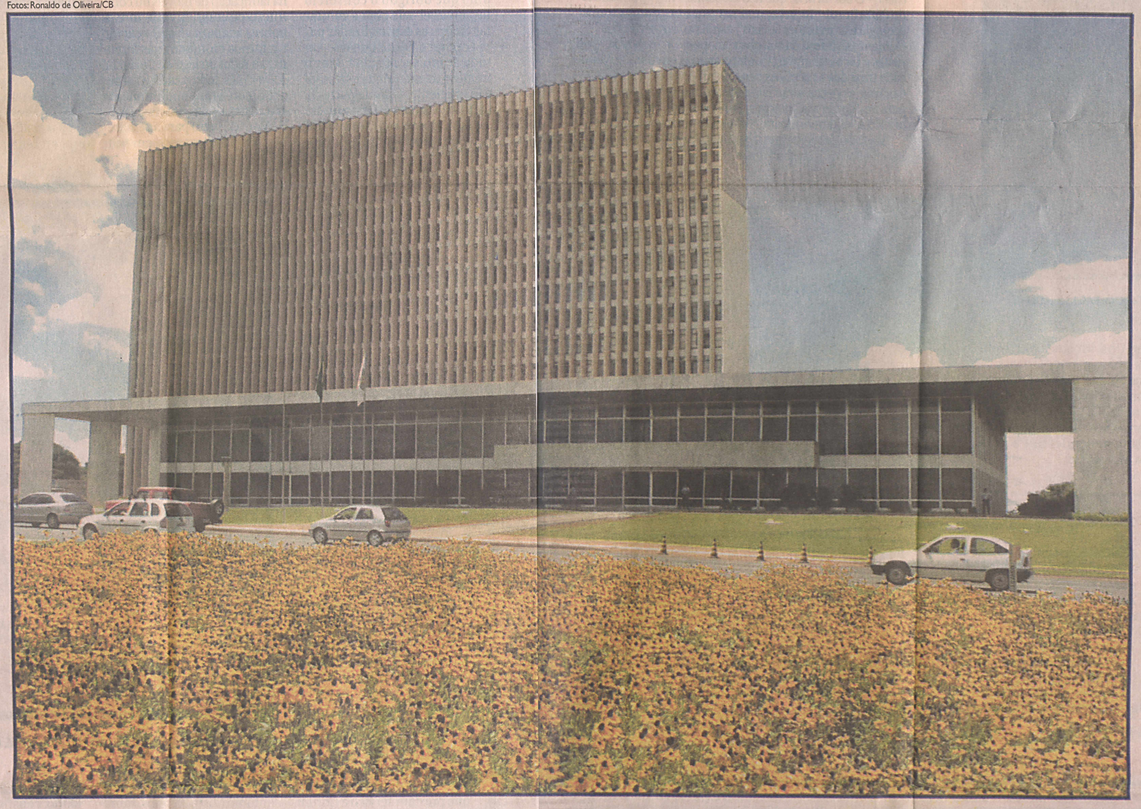
"ERA BRABO PRA DIABO, MAS EXCELENTE PESSOA, EXCELENTE CARÁTER E E MUITO BOM ARQUITETO".
LOVIS DELGADO, desenhista da Divisão de Arquitetura da Novacap à época da construção

"ELE (NAURO) ERA QUEM DEFINIA TUDO. ÀS VEZES IA AO RIO POR CONTA DELE MESMO, CONVERSAR COM O LUCIO COSTA SOBRE COMO FAZER ISSO, FAZER AQUILO. ESSAS ÁREAS ARBORIZADAS, TODAS AS QUE TEMOS NAS SUPERQUADRAS HOJE, ISSO TUDO FOI O NAURO QUEM MARCOU. OS TALUDES GRAMADOS DAS TESOURINHAS, ELE QUEM DEFINIU. OS ARRUAMENTOS DAS SUPERQUADRAS, ELE DESENHAVA".
LUIZ HENRIQUE DUARTE, desenhista da Divisão da Arquitetura da Novacap, à época da construção

"O NAURO TRABALHOU NO ARRUAMENTO, ELE FEZ A MÃO, POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, TRAÇANDO NO CHÃO: `A RUA VEM AQUI´. ELE RISCAVA NO CHÃO O ASFALTO, O ESTACIONAMENTO. ERA ENGRAÇADÍSSIMO: IA LÁ E FAZIA NO LUGAR".
GERALDO ORLANDI, engenheiro do Departamento de Edificações da Novacap

Fonte: Exceto a declaração de Oscar Niemeyer, todas as demais foram retiradas da tese *Construindo Brasília: a Trajetória Profissional de Nauro Esteves*.

Fotos: Ronaldo de Oliveira/CB



PALÁCIO DO BURITI

PRINCIPAIS OBRAS

- ✔ Jardim de Infância 21 de Abril (Praça 21 de Abril)
- ✔ Hotel Nacional
- ✔ Palácio do Buriti
- ✔ Conjunto Nacional
- ✔ Cine Karim
- ✔ Edifício Casa de São Paulo
- ✔ Edifício Central Brasília
- ✔ Blocos de apartamentoa SQS 115, 212, 311, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 415
- ✔ Centro Comercial Gilbe Salomão
- ✔ QG da Polícia Militar
- ✔ Superior Tribunal Militar raça dos Tribunais)
- ✔ Superior Tribunal EleitorPraça dos Tribunais)
- ✔ Carlton Hotel
- ✔ Edifício Venâncio VI
- ✔ Edifício Galeria Nova Ouvidor (SCS)
- ✔ Igreja Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (910 Sul)
- ✔ Coreto Praça dos Namorados (Sobradinho)
- ✔ Residências no Lago, blocos de apartamento na Asa Norte e blocos comerciais na Asa Sul
- ✔ Fundação Ballet do Brasil

Construir Brasília: "Quase caí morto"

Arquiteto nascido em habitat modernista, Nauro Esteves começou com um primeiro lugar. No último ano do curso da Faculdade Nacional de Arquitetura da então Universidade do Brasil, ganhou com Hilda de Araújo Maia um concurso interno com um projeto para um centro recreativo cultural. A comissão julgadora compunha-se de Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Jorge Machado Moreira e Marcelo Roberto, quase todos estrelas da ressonante arquitetura modernista brasileira.

Insuflado pelo primeiro lugar no concurso, o já formado arquiteto Nauro Esteves procurou o escritório de Oscar Niemeyer no Rio de Janeiro, à época na avenida Rio Branco esquina com avenida Beira-Mar. "Na vida tem coincidências, tem coisas fantásticas. Sabe como se chamava o edifício? Brasília", contou Esteves numa das entrevistas a Cristiana Garcia. Não era fácil aproximar-se do já consagrado Niemeyer, arquiteto que o mundo já tinha ouvido falar por conta das ousadias em Pampulha, do pioneirismo no Palácio Gustavo Capanema (com Lucio Costa, Affonso Reidy, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos, Jorge Machado Moreira), das surpresas no pavilhão de exposições em Nova York (com Lucio Costa). Foi preciso esperá-lo na calçada, onde tiveram rápida e promissora conversa: "Amanhã você vem aqui já para trabalhar".

Desde aquele dia do ano de 1950 e até 1960, Nauro Esteves trabalhou para e com Oscar Niemeyer. No começo, participou de mais de 60 projetos que o escritório desenvolvia ao mesmo tempo, no Rio, em São Paulo e em Belo Horizonte, especialmente. "Foram dez anos colados. Nessa obra de dez anos, eu participei na hora que ele rabiscava, que era comigo".

Passados cinco anos daquele encontro na calçada, Oscar Niemeyer chegou ao escritório, a essa altura já em Copacabana, vindo de uma conversa com o presidente Juscelino Kubitschek: "Ó, Nauro, nós vamos fazer Brasília. Quase caí morto. E aí, no dia seguinte, nós já começamos a falar de Brasília". Na qualidade de chefe do escritório, Esteves participou dos estudos para os projetos do Palácio da Alvorada, do Brasília Palace Hotel e o da Ermida Dom Bosco.

O velhinho que, nas manhãs ensolaradas, conversa com as crianças no parquinho da SQS 308, participou da proto-história de Brasília. Ajudou a elaborar o edital do concurso do Plano Piloto e preparou a planta do Lago Paranoá (para fazer parte do edital) a partir da escolha de uma cota, a mil. Ou seja, o lago deita-se a mil metros acima do nível do mar. Todo o terreno circunvizinho que estava abaixo dessa cota, ficou submerso.

Brasília entrou na vida de Nauro Esteves a partir de dezembro de 1956, quando, na companhia de Ernesto Silva e de Sabino Machado Barroso, veio conhecer o terreno da nova cidade. Dois anos depois, mudou-se definitivamente para cá com o cargo de chefe da Divisão de Arquitetura da Novacap. Acima dele, só e somente só, Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro e, claro, Juscelino Kubitschek. **(Conceição Freitas)**

A solidão da espera

Sempre que cruzava com o vizinho arquiteto no elevador ou no pilotis do prédio, a estudante de arquitetura Cristiana Garcia aproveitava a ocasião para fazer algum comentário sobre a profissão ou para pedir opinião sobre projetos ao que ele respondia prestimosamente. Nem de longe, a moça fazia idéia da importância do vizinho para a construção de Brasília, assunto que a interessava desde que, menina, ouvia o pai e a mãe contarem histórias dos primeiros anos da nova capital. Juntou essa herança familiar ao gosto pelo desenho e decidiu procurar a Arquitetura.

A dissertação recém-aprovada é a primeira obra escrita sobre Nauro Esteves, o arquiteto que escreve com a mão direita, mas desenha com a esquerda. Ele explica que é canhoto, portanto, o que lhe é mais importante ele faz com a mão que faz par com o coração. Conta a lenda que ele riscava as curvas dos meios-fios das superquadras com uma só guinada de mão esquerda e completava-as com a direita.

Faz oito meses, Esteves quebrou a perna direita e desde então tem dificuldades para andar. Aos 81 anos, o arquiteto esperava por alguém que reconhecesse seus feitos. Conta que ficava "chateado" quando lia notícias referentes às suas obras e nenhuma referência a ele. Não comenta, mas a chateação devia ser maior quando uma cidade inteira acreditou, durante décadas, que o Hotel Nacional era projeto de Oscar Niemeyer.

Orientadora da dissertação, a professora da Faculdade de Arquitetura Sylvia Ficher elege o Hotel Nacional como o mais belo espaço urbano da cidade porque "tem as qualidades de cidade, rua, comércio e, dentro da lógica modernista, preserva elementos da cidade tradicional". O grande mérito de Esteves, diz a professora, é que ele faz uma arquitetura que não chama a atenção, que faz parte da cidade. "É um arquiteto competente que não precisa ser espetacular".

Companheira do arquiteto há 40 anos, Maria de Lourdes Junqueira Esteves conta que o marido sempre guardou tudo o que foi escrito sobre Brasília. Passava as páginas, lia, e nada, nenhuma linha sobre ele.

Na quinta-feira passada, ele visitou a igreja de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, na 910 Sul. Riscou a igrejinha de inspiração nitidamente modernista em agradecimento ao fato de dom Luís Méndez ter celebrado o casamento dele com Lourdes, em 1965. Os dois vinham de outro casamento e, à época, a lei do divórcio ainda não havia sido aprovada.

Num rápido passeio pela Asa Sul, Nauro Esteves comentou que gosta de algumas coisas, não gosta de outras, mas que na vida tudo é assim mesmo. (CF)